



A influência do modelo taylorista-fordista na educação

Desde o surgimento da mecanização na história da humanidade o homem e a máquina tem estabelecido uma relação de entrosamento contínuo. É verdade que o surgimento da máquina, a partir da revolução industrial, permitiu um grau de desenvolvimento econômico e social bastante expressivo, mas esse processo de forte ligação trouxe, contudo, também uma influência negativa para o processo educacional, uma vez que o desenvolvimento humano do pensamento, na escola, foi substituído por uma produção em série para o mercado econômico. Por esse motivo se torna interessante estudar como o modelo taylorista-fordista estabeleceu seu “poder” na organização da educação a distância e na gestão educacional.

O surgimento de um modelo que desse conta de formar pessoas prontas para atender ao mercado, para serem mãos de obra barata, queoubessem somente obedecer sem pensar era a lógica do modelo de formação em série conhecido como modelo taylorista-fordista, esse modelo inicialmente posto em prática na indústria se adaptou perfeitamente na educação voltada para uma minoria dominante que buscava continuar no poder e influenciar a sociedade. O primeiro impacto verificado que se dá na escola de antigamente, onde não se falava em “gestão”, mas sim em “administração escolar”.

Nesse campo, a divisão do trabalho sem questionamento, sem objetivo de formar seres reflexivos, ganha corpo, pois havia cada sujeito com seu papel próprio sem perspectivas de contribuições coletivas no trabalho alheio, professor leciona, coordenador coordena, aluno aprende etc. Com o passar dos anos esse modelo perde força e a administração escolar passa por uma mudança gradativa, neste momento já podemos falar de uma gestão escolar onde todos os sujeitos da envolvidos com o contexto escolar têm a oportunidade de expor seu ponto de vista e contribuir para o desenvolvimento humano e social da comunidade que se insere.

Dessa forma a administração estritamente burocrática reprodutora do modelo industrial vigente passa por uma adequação para a gestão participativa de envolvimento de toda a comunidade, como afirma Drabach e Mousquer (2009, p. 278) “Assim, de um modelo hierárquico de produção e um Estado centralizador, passa-se a ter ênfase no trabalho coletivo, na participação, na autonomia e na descentralização.” No entanto ainda existem alguns resquícios do modelo fordista com uma administração não plenamente democrática e atualmente o questionamento é exatamente esse: como construir uma gestão realmente democrática na escola?

O ensino a distância, que compreende diversas formas de comunicação como o canal de televisão, rádio, correspondência etc, tem seu grande salto de qualidade e de acessos quando permite a utilização do computador e da internet. A princípio essa forma de ensino com sua estrutura e organização poderia se adequar ao modelo taylorista-fordista, dependendo da filosofia que adotar, pois como diz Belloni (apud FONTANA, 2006) “os modelos industriais de produção já penetraram em todas as esferas sociais, e o setor educacional não é uma exceção”.

Porém isso só não é totalmente ruim para a educação porque ocorre dentro de um caráter socialdemocrático em que muitos cursos desse tipo assumem para atender a um objetivo que não é simplesmente uma produção em série, nem um produto barato para um mercado exigente de qualidade. Atualmente, o EAD não é somente uma forma de levar educação de qualidade as mais distantes comunidades e inseri-las em um mundo mais culto e educado, mas também é a forma de construir sujeitos reflexivos com totais condições de ajudar a construir uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

DRABACH, Neila Pedrotti e MOUQUER, Maria Elizabete Londero. Dos primeiros escritos sobre administração escolar no Brasil aos escritos sobre gestão escolar: mudanças e continuidades. Currículo sem Fronteiras, Jul/Dez 2009

FONTANA, Hugo Antônio. Uma Filosofia para a Educação a distância? II Seminário Nacional de Filosofia e Educação. Santa Maria – RS. 2006